



Nora Roberts
**HERANÇA
DE GELO**

TRADUÇÃO DE CARLA FERREZ



CHÁ DA CINCO
- vive com mais estilo

CAPÍTULO UM

Era habitual Brianna ter um ou dois hóspedes na Cabana Espinheiro Negro durante as piores fases das tempestades de Inverno. Mas Janeiro era sossegado, e com frequência tinha a casa vazia. Não se importava com a solidão, nem com o assobio assombrado do vento, nem mesmo com o céu carregado que despejava chuva e gelo, dia amargo após dia amargo. Dava-lhe tempo para fazer planos.

Gostava dos viajantes, esperados ou não. Do ponto de vista empresarial, cada libra e *pence* contavam. Mas para além disso, Brianna gostava da companhia, bem como da oportunidade de servir e facultar um lar temporário aos que estavam de passagem.

Nos anos que haviam passado desde a morte do pai e da mudança da mãe, ela transformara a casa no lar por que ansiara desde criança, com lareiras de turfa e cortinas de renda, o aroma dos cozinhados emanando da cozinha. Ainda assim, fora Maggie, e a arte de Maggie, que haviam possibilitado que Brianna se expandisse, aos poucos e poucos. Não era algo que Brianna esquecesse.

Mas a casa era dela. O pai compreendera o amor e a necessidade que nutria por ela. Cuidava do seu legado como se fosse um filho.

Talvez fosse o tempo que a levara a pensar no pai. Ele morrera num dia muito parecido com aquele. De vez em quando, em momentos estranhos em que se encontrava sozinha, descobria que ainda trazia pequenas bolsas de mágoa, com memórias, boas e más, guardadas dentro delas.

Precisava era do trabalho, convencia-se, afastando-se da janela antes que ficasse a matutar em demasia.

Devido à tromba de água, decidiu adiar a viagem à vila e, em vez disso, deitar mãos a uma tarefa que vinha a adiar há muito tempo. Não esperava ninguém nesse dia e a única reserva que tinha só chegava no final da semana. Com o cão a marchar atrás dela, Brianna arrastou a vassoura, o balde, trapos e uma caixa de cartão vazia até ao sótão.

Fazia limpezas ali com regularidade. Em casa de Brianna, não havia lugar para o pó durante muito tempo. Mas havia caixas e arcas que ignorava na rotina do dia-a-dia. Isso acabara, convencia-se, abrindo de par em par a porta do sótão. Desta vez, faria uma limpeza a fundo. E não daria hipótese a que as emoções a impedissem de tratar das memórias esquecidas.

Se a divisão ficasse devidamente limpa de uma vez por todas, pensava, talvez pudesse comprar os materiais e a mão-de-obra necessários para a remodelar. Ia transformar-se num sótão acolhedor, pensava ela, apoiada na vassoura. Com uma daquelas janelas no telhado e talvez uma lucerna. Tinta amarela suave para atrair a luz do Sol. Cera e um dos seus tapetes curvos no chão.

Já conseguia ver tudo, a cama bonita coberta por uma colcha colorida, uma cadeira de verga, uma pequena escrivaninha. E se ela tivesse...

Brianna abanou a cabeça e riu-se entre dentes. Já estava a dar um passo maior do que as pernas.

— Sempre a sonhar, Con, — murmurou, fazendo uma festa na cabeça do cão. — O que isto precisa é de muito trabalho e de um tremendo afinco.

Primeiro as caixas, decidira. Era altura de se livrar de papéis velhos, roupas velhas.

Trinta minutos depois, tinha feito pilhas arrumadas. Uma que ia levar para a igreja dar aos pobres; outra seria para fazer trapos. A última ia guardar.

— Ah, olha para isto, Con. — Com reverência, pegou num pequeno vestido de baptizado, sacudindo com suavidade as pregas. Ramos desmaia-dos de lavanda espalharam-se pelo ar. Minúsculos botões e bainhas estreitas de renda decoravam o linho. Brianna sabia tratar-se de trabalho manual da avó, e sorriu. — Ele guardou-o, — murmurou. A avó nunca teria pensado em termos tão sentimentais nas gerações futuras. — Eu e a Maggie usámos isto, estás a ver. E o pai guardou-o para os nossos filhos.

Surgiu uma angústia, tão familiar que quase nem a sentia. Não tinha nenhum bebé a dormir num berço, nenhuma coisa fofa à espera que lhe pegassem ao colo, a embalassem e amassem. Mas Maggie, pensava, haveria de querer ficar com ele. Com cuidado, voltou a dobrar o vestido.

A caixa seguinte estava cheia de papéis que a fizeram suspirar. Teria de os ler, pelo menos dar uma vista de olhos. O pai dela guardara toda a correspondência. Havia também recortes de jornal. As ideias dele, como o próprio diria, para novos empreendimentos.

Havia sempre um novo empreendimento. Colocou de lado vários artigos que ele recortara sobre invenções, florestas, carpintaria, gerência de lojas. Nenhum era sobre agricultura, reparou ela com um sorriso. Um agricultor que nunca o fora. Encontrou cartas de parentes, de empresas a quem ele escrevera na América, na Austrália, no Canadá. E ali estava a prova de compra da velha carrinha que tivera, quando ela era pequena. Um documento chamou-lhe a atenção, obrigando-a a franzir o sobrolho, confusa. Parecia uma espécie de certificado de acções. Minas Triquarter, em Gales.

Pela data, parecia que as tinha comprado apenas algumas semanas antes de morrer.

Minas Triquarter? Outro empreendimento do pai, pensou ela, gastando o dinheiro que nem sequer tinham. Bom, teria de escrever à empresa Triquarter para saber o que fazer. Era pouco provável que as acções valessem mais do que o papel em que estavam impressas. Sempre fora essa a sorte que Tom Concannon tivera, ao fechar um qualquer negócio.

O anel de bronze que ele sempre procurara, e que nunca coubera na palma da sua mão.

Procurou mais fundo na caixa, divertindo-se com as cartas de primos, tios e tias. Eles haviam-no amado. Toda a gente o havia amado. Quase toda, corrigiu ela, a pensar na mãe.

Colocando aquele pensamento de lado, pegou em três cartas, atadas com uma fita vermelha desmaiada. O endereço do remetente era de Nova Iorque, mas isso não a surpreendia. Os Concannons tinham uma quantidade de amigos e conhecidos nos Estados Unidos. Contudo, o nome era um mistério para ela. Amanda Dougherty.

Brianna abriu a carta, passando os olhos pela letra impecável, refinada e educada. Ao prender a respiração na garganta, voltou a ler, atentamente, palavra por palavra.

*Meu querido Tommy,
Disse-te que não ia escrever. Talvez não envie esta carta, mas tenho de fingir, pelo menos, que consigo falar contigo. Estou de regresso a Nova Iorque há menos de um dia. Já me pareces tão distante e o tempo que passámos juntos muito mais precioso. Tenho de professar e aceitar a minha penitência. Contudo, no meu coração, nada do que aconteceu entre nós foi pecado. O amor não pode ser um pecado. Vou amar-te para sempre. Um dia, se Deus for generoso, vamos encontrar uma forma de ficar juntos. Mas se isso nunca acontecer, quero que saibas que vou recordar cada momento que nos foi concedido. Sei que é minha obrigação dizer-te para honrares o sacramento do matrimónio, para te dedicares às duas bebês que tanto amas. E assim faço. Mas, por mais egoísta que possa parecer, também te peço que um dia, quando a Primavera chegar a Clare e o Shannon brilhar com a luz do Sol, penses em mim. E o quanto naquelas curtas semanas me amaste. E eu amo-te a ti...*

*Sempre,
Amanda*

Cartas de amor, pensou ela, inerte. Para o pai. Escritas, podia ver, olhando para a data, quando ela era pequena.

Gelaram-se-lhe as mãos. Como é que uma mulher, uma mulher adulta de vinte e oito anos, devia reagir ao saber que o pai amara uma mulher que não era sua esposa? O pai dela, com a gargalhada fácil, os esquemas inúteis. Aquelas eram palavras escritas apenas para os olhos dele verem. Contudo, como é que ela podia deixar de as ler?

Com o coração a bater com força no peito, Brianna abriu a seguinte.

Meu querido Tommy,

Li a tua carta vezes sem conta até conseguir vislumbrar cada palavra na minha mente. O meu coração parte-se, só de pensar em ti tão infeliz. Também eu olho muitas vezes o mar e imagino que estás a olhar através da água na minha direcção. Há tanta coisa que gostava de te dizer, mas tenho medo que só te vá magoar ainda mais. Se não existe amor com a tua mulher, então deve haver uma obrigação. Não é preciso dizer-te que a tua primeira preocupação devem ser as tuas filhas. Eu sei, sempre soube, que elas estão em primeiro lugar no teu coração e nos teus pensamentos. Deus te abençoe, Tommy, por também pensares em mim. E pela dádiva que me concedeste. Pensei que a minha vida fosse vazia, agora será sempre farta e rica. Amo-te mais agora do que amava quando nos separámos. Não sofras ao pensar em mim. Mas pensa em mim.

*Sempre,
Amanda*

Amor, pensava Brianna com os olhos rasos de lágrimas. Havia ali tanto amor, apesar de tão pouco ser dito. Quem fora ela, esta Amanda? Como é que se conheceram? E com que frequência é que o pai pensava nesta mulher? Quanto é que a desejara?

Limpendo uma lágrima, Brianna abriu a última carta.

Meu querido,

Rezei inúmeras vezes antes de te escrever. Pedi à Nossa Senhora que me ajude a discernir o que é correcto. Não posso ter a certeza do que é mais justo para ti. Só posso esperar que o que te vou dizer te traga alegria, e não sofrimento.

Lembro-me das horas que passámos juntos no meu quartozinho da estalagem com vista para o Shannon. Como foste doce e meigo, como nos deixámos cegar pelo amor que nos arrebatou.

Nunca conheci, nem nunca mais vou conhecer, um amor assim tão profundo e completo. Por isso, sinto-me grata por, apesar de nunca podermos ficar juntos, levar comigo essa coisa preciosa para me lembrar que fui amada. Estou grávida de um filho teu, Tommy. Por favor, fica feliz por mim. Não estou sozinha e não tenho medo. Talvez devesse sentir vergonha. Solteira, grávida do marido de outra. Talvez essa vergonha ainda se revele, mas por agora, estou apenas imensamente feliz.

Tomei conhecimento há algumas semanas, mas ainda não tinha tido a coragem de te contar. Consegui agora, ao sentir o primeiro sinal da vida que fizemos dentro de mim. Tenho de te dizer o quanto esta criança vai ser amada? Já me imaginei a pegar no nosso filho ao colo. Por favor, meu querido, por amor ao nosso filho, não guardes nenhum sofrimento nem culpa no teu coração. E por amor ao nosso filho, vou partir. Apesar de pensar em ti todos os dias, todas as noites, não voltarei a escrever. Vou amar-te para o resto da minha vida e sempre que olhar para a vida que criámos juntos naquelas horas mágicas junto ao Shannon, vou amar-te ainda mais.

Entrega o que quer que sintas por mim às tuas filhas. E sê feliz.

*Sempre,
Amanda*

Um filho. Com os olhos inundados de lágrimas, Brianna tapou a boca com a mão. Uma irmã. Um irmão. Santo Deus. Algures, havia um homem ou uma mulher ligados a ela por laços de sangue. Deviam ter quase a mesma idade. Talvez partilhassem o mesmo tom de pele, as mesmas feições.

O que podia ela fazer? O que é que o pai teria feito há tantos anos atrás? Será que procurara a mulher e o seu filho? Será que tentara esquecer?

Não. Suavemente, Brianna alisou as cartas. Ele não tentara esquecer. Guardara sempre as cartas dela. Fechou os olhos no sótão pouco iluminado. E, pensava ela, ele amara a sua Amanda. Sempre.

Precisava de pensar, antes de contar a Maggie o que descobrira. Brianna pensava melhor quando estava ocupada. Já não conseguia voltar ao sótão, mas havia outras coisas que podia fazer. Esfregou, encerou e cozinhou no forno. A simplicidade caseira das ocupações domésticas, o prazer dos aromas que emanavam, iluminavam-lhe o espírito. Deitou mais turfa na la-

reira, fez chá e sentou-se para desenhar algumas ideias que tinha para a estufa.

A solução chegaria, a seu tempo, dizia de si para si. Depois de mais de vinte e cinco anos, alguns dias a pensar não fariam mal a ninguém. Se parte da demora se devia a cobardia, a uma necessidade fraca de evitar o golpe das emoções da irmã, ela reconhecia-a.

Brianna nunca afirmara ser uma mulher corajosa.

No seu jeito de ser prático, escreveu uma carta educada, do tipo empresarial às Minas Triquarter em Gales, colocando-a de lado para ir para o correio no dia seguinte.

Tinha uma lista de tarefas domésticas para fazer de manhã, fizesse chuva ou Sol. Quando abafou a lareira para passar a noite, ficou grata por Maggie ter andado demasiado ocupada para aparecer. Dali a um dia, talvez dois, Brianna haveria de lhe contar e também queria mostrar as cartas à irmã.

Mas esta noite ia desconstrair-se, deixar a mente vazia. Estava mesmo a precisar de uma indulgência, decidira Brianna. Na verdade, doíam-lhe um pouco as costas por ter exagerado nas limpezas. Um bom banho com os sais que Maggie lhe trouxera de Paris, uma chávena de chá, um livro. Ia usar a banheira grande lá de cima e tratar-se como se fosse um hóspede. Em vez da cama estreita do quarto ao lado da cozinha, ia dormir esplendorosamente no que ela catalogava de suite nupcial.

— Esta noite somos reis, Con, — disse ao cão, ao mesmo tempo que deitava sais lascivamente sob a água corrente. — Um tabuleiro com o jantar na cama, um livro escrito pelo nosso convidado prestes a chegar. Lembra-te, é um ianque muito importante, — acrescentou, enquanto Con batia com a cauda no chão.

Despiu a roupa e entrou na água quente e fragrante. Dos dedos dos pés, arrancou um suspiro. Uma história de amor podia ser mais apropriada para o momento, pensava, do que um *thriller* com o título *O Legado da Pedra de Sangue*. Mas Brianna recostou-se na banheira e deixou-se embrenhar na história de uma mulher perseguida pelo próprio passado e ameaçada pelo presente.

Prendera-a. De tal forma que, quando a água arrefeceu, segurou o livro numa mão, a ler, ao mesmo tempo que se secava com a outra. A tremer, vestiu uma comprida camisa de noite de flanela, soltando o cabelo. Apenas um hábito muito enraizado a levou a pousar o livro o tempo suficiente para limpar a banheira. Mas não se incomodou com o tabuleiro do jantar. Em vez disso, enfiou-se na cama, puxando a colcha bem para cima.

Mal ouvia o vento pontapear as janelas, a chuva a esquartejá-las. Gra-

ças ao livro de Grayson Thane, Brianna encontrava-se no Verão abafado do Sul dos Estados Unidos, a ser perseguida por um assassino.

Já passava da meia-noite quando a fadiga a derrotou. Adormeceu com o livro ainda nas mãos, o cão a ressonar aos pés da cama e o vento a gemer, como uma mulher assustada.

Sonhou, é claro, com o terror.

Grayson Thane era um homem de impulsos. Como o admitia, normalmente encarava os desastres que deles advinham de forma tão filosófica quanto os triunfos. De momento, era obrigado a admitir que o impulso de conduzir de Dublin até Clare, no pico do Inverno, no meio de uma das piores tempestades que já vivenciara, provavelmente fora um erro.

Mas mesmo assim era uma aventura. E conduzia a sua vida de acordo com elas.

Ficou com um pneu em baixo nos arredores de Limerick. Com um furo, corrigiu Gray. Em Roma, sê romano. Quando acabou de mudar o pneu, parecia e sentia-se como uma ratazana afogada, apesar do impermeável que trouxera de Londres na semana anterior.

Perdeu-se duas vezes, dando por si a calcorrear estradas estreitas e sinuosas, que mais não eram do que valas. A pesquisa que fizera, mostrara-lhe que perder-se na Irlanda fazia parte do encanto.

Estava a fazer um esforço por não se esquecer disso.

Tinha fome, estava ensopado até aos ossos e tinha medo de ficar sem gasolina — combustível — antes de encontrar algo vagamente parecido com uma estalagem ou uma vila.

Na sua mente, percorria o mapa. Visualizar era um talento com que nascera e conseguia, com um ligeiro esforço, reproduzir cada linha do mapa pormenorizado que a anfitriã lhe enviara.

O problema era que estava escuro como breu, e a chuva batia no pára-brisas como um rio feroz, o vento golpeando o carro naquela imitação barata de estrada esquecida por Deus, como se o *Mercedes* fosse um brinquedo.

Desejava intensamente beber um café.

Numa bifurcação da estrada, Gray arriscou e seguiu pela da esquerda. Se não encontrasse a estalagem ou algo parecido nos quinze quilómetros seguintes, ia dormir no maldito carro e voltar a tentar de manhã.

Era uma pena que não pudesse ver nada do campo. Na escuridão desolada da tempestade, tinha a sensação que seria exactamente aquilo que procurava. Queria que o livro se passasse ali, no meio das falésias e dos campos da Irlanda Ocidental, com a ameaça do Atlântico feroz, e as vilas sossegadas aninhadas junto a ele. E podia fazer com que o seu herói

cansado e gasto pela vida chegasse na crista da tempestade.

Franziu os olhos para o horizonte. Seria uma luz? Por Cristo, esperava que fosse. Conseguiu distinguir um letreiro, a balouçar com violência ao vento. Gray fez marcha à ré, apontou-lhe os faróis e sorriu.

O letreiro anunciava a Cabana Espinheiro Negro. Afinal de contas, o seu sentido de orientação não o deixara ficar mal. Esperava que a anfitriã personificasse a lendária hospitalidade irlandesa — afinal, chegava dois dias mais cedo. E eram duas da manhã.

Gray procurou uma entrada para o carro, mas só via sebes ensopadas. Encolhendo os ombros, parou o carro na estrada, guardando as chaves no bolso. Tinha tudo o que precisava para passar a noite numa mochila que estava em cima do banco, a seu lado. Puxando-a para si, deixou o carro onde estava e enfrentou a tempestade.

Atingiu-o como uma mulher furiosa, afiando dentes e unhas. Cambaleou, quase desbravando caminho entre as sebes molhadas de brincos-de-princesa, e com mais sorte do que intenção, desatou a correr na direcção do portão do jardim. Gray abriu-o, lutando depois para o voltar a fechar. Desejava conseguir ver a casa com mais nitidez. Tinha apenas uma vaga impressão da sua forma e tamanho através da escuridão, com aquela luz solitária a brilhar na janela do primeiro andar.

Usou-a como guia e começou a sonhar com café.

Ninguém atendeu quando bateu à porta. Com o vento a uivar, duvidava que alguém ouvisse um rumor tão subtil. Demorou menos de dez segundos a decidir abrir a porta ele mesmo.

De novo, apenas o envolviam sensações. A tempestade atrás dele, o calor lá dentro. Havia os aromas — limão, cera, lavanda e rosmaninho. Perguntava-se se a velhota irlandesa que geria a estalagem faria o seu próprio *potpourri*. Perguntava-se se ela ia acordar e preparar-lhe uma refeição quente.

Depois ouviu o rosar — profundo, selvagem — e ficou tenso. Esticou a cabeça, os olhos franzidos. Depois a mente, por um momento assombroso, ficou em branco.

Depois, pensou que tinha entrado numa cena saída de um livro. Talvez de um dos seus. A mulher linda, a camisa de noite branca e comprida ondulante, o cabelo solto como ouro flamejante que lhe caía sobre os ombros. Tinha o rosto pálido diante da luz desmaiada da vela que segurava numa mão. A outra mão agarrava a coleira de um cão que parecia e rosnava como um lobo, um cão cujos ombros chegavam à cintura dela.

Descia o olhar para ele do cimo das escadas, como uma visão que ele tivesse evocado. Podia ter sido esculpida em mármore, ou gelo. Estava tão inerte, tão imensamente perfeita.

Depois o cão tentou avançar. Com um movimento que lhe puxou o vestido, ela controlou-o.

— Está a deixar entrar a chuva, — disse ela, numa voz que apenas ajudou à fantasia. Suave, melodiosa, reveladora da Irlanda que ele viera descobrir.

— Desculpe. — Murmurou ele olhando para trás, ao fechar a porta, para que a tempestade se transformasse apenas num cenário.

O coração dela ainda estava sobressaltado. O barulho e a reacção de Con despertaram-na de um sonho de perseguição e terror. Agora, Brianna olhava para um homem, lá em baixo, vestido de preto, sem formas definidas, à excepção do rosto, que estava obscurecido. Quando ele se aproximou, ela manteve a mão trémula bem firme na coleira de Con.

Um rosto longo e esguio, conseguia ver agora. Um rosto de poeta com olhos escuros e curiosos e uma boca solene. Um rosto de pirata endurecido por ossos proeminentes e o cabelo comprido, aclarado pelo Sol que o emoldurava em caracóis molhados.

Era tola por sentir medo, censurou-se. Afinal de contas, ele era apenas um homem.

— Está perdido? — perguntou ela.

— Não. — Sorriu ele, lentamente, à vontade. — Já me encontrei. Esta é a Cabana Espinheiro Negro?

— Sim, é.

— Sou Grayson Thane. Cheguei dois dias mais cedo, mas a Menina Concannon está à minha espera.

— Oh. — Brianna murmurou algo ao cão que Gray não entendeu, mas teve o efeito de descontraír os músculos caninos contraídos. — Estava à sua espera na próxima sexta-feira, Sr. Thane. Mas seja bem-vindo. — Começou a descer as escadas, o cão a seu lado, a vela a tremeluzir. — Sou Brianna Concannon. — Ofereceu-lhe a mão.

Por momentos, ficou a olhar para ela. Esperava uma mulher simpática, dona de casa, com cabelo grisalho apanhado atrás num puxo. — Acordei-a, — disse ele, tolamente.

— Normalmente, aqui dormimos durante a noite. Venha para junto da lareira. — Dirigiu-se para a saleta, acendendo as luzes. Depois de pousar a vela, apagando-a, virou-se para pegar no casaco dele, molhado. — Está uma noite terrível para viajar.

— Também percebi.

O impermeável não lhe ocultava as formas. Apesar de não ser tão alto quanto a imaginação irrequieta de Brianna o fizera, era esguio e seco. Como um pugilista, pensava ela, sorrindo depois para dentro. Poeta, pirata, pugilista. O homem era escritor, e um hóspede. — Aqueça-se, Sr. Thane.

Vou fazer-lhe um chá, pode ser? Ou será que prefere que eu... — Ia começar a oferecer-se para lhe mostrar o quarto, mas lembrou-se que estava a dormir nele.

— Há cerca de uma hora que venho a sonhar com café. Se não for demasiado incómodo.

— Não há problema. Não há problema nenhum. Fique à vontade.

Era um cenário demasiado belo para apreciar sozinho, decidira ele. — Acompanho-a à cozinha. Já me sinto bastante mal por a ter arrancado da cama a esta hora. — Estendeu uma mão para Con cheirar. — Mas que belo cão. Por momentos pensei que era um lobo.

— É arraçado de lobo, com certeza. — Tinha a mente ocupada com os pormenores. — Pode sentar-se na cozinha. Então, tem fome?

Ele afagou a cabeça de Con e sorriu para ela. — Menina Concannon, creio que a amo.

Ela corou perante o elogio dele. — Bom, presumo que costuma dar o seu coração com facilidade, em troca de um singelo prato de sopa.

— Pelo que ouvi dizer dos seus cozinhados, não é pouco.

— Oh? — Guiou o caminho até à cozinha e pendurou o casaco dele, a pingar, num cabide atrás da porta.

— Uma amiga de uma prima do meu editor ficou aqui há coisa de um ano. Disse que a anfitriã da Espinheiro Negro cozinhava como um anjo. — Não lhe haviam dito que ela também parecia um.

— Mas que belo elogio. — Brianna colocou a chaleira ao lume, para depois deitar sopa num tacho, a aquecer. — Lamento, mas esta noite só lhe posso oferecer algo simples, Sr. Thane, mas não irá para a cama com fome. — Foi a uma caixa buscar pão de soda e cortou fatias generosas. — Já viajou muito hoje?

— Já saí tarde de Dublin. Tinha planeado ficar mais um dia, mas fiquei ansioso. — Sorriu, pegando no pão que ela pousara na mesa e deu uma dentada na primeira fatia antes que ela lhe conseguisse oferecer manteiga. — Era tempo de me fazer à estrada. Gere este lugar sozinho?

— Sim. Lamento, mas nesta altura do ano não vai ter muita companhia.

— Não vim por causa da companhia, — disse ele, observando-a a medir a porção de café. A cozinha começava a ter um aroma divinal.

— Para trabalhar, segundo disse. Deve ser maravilhoso conseguir contar histórias.

— Tem os seus momentos.

— Gosto das suas. — Disse-o com tal simplicidade, dirigindo-se ao armário para tirar uma tigela de barro vidrado, azul-escuro.

Ele ergueu a sobrancelha. Nesta altura, as pessoas normalmente co-

meçavam a fazer dezenas de perguntas. Como é que escreve, onde é que vai buscar as ideias — a pergunta mais odiada — como é que consegue ser editado? E às perguntas normalmente seguia-se a eterna informação que o inquisidor tinha uma história para contar.

Mas ela não disse mais nada. Gray deu por si a sorrir de novo. — Obrigado. Por vezes eu também. — Debruçou-se, inalando intensamente quando ela pousou a tigela de sopa à sua frente. — O cheiro que emana não me parece nada simples.

— É de vegetais, com pedacinhos de carne. Se quiser, posso fazer-lhe uma sanduíche.

— Não, assim está óptimo. — Provou, suspirando. — Muito bom, mesmo. — Voltou a estudá-la. Será que a pele dela sempre tivera aquele aspecto macio e corado? Perguntava-se. Ou seria do sono? — Estou a tentar arrepender-me de a ter acordado, — comentou, continuando a comer. — Mas isto está a dificultar as coisas.

— Uma boa estalagem está sempre aberta aos viajantes, Sr. Thane. — Colocou o café dele a seu lado, fez sinal ao cão, que imediatamente se pôs de pé ao lado da mesa da cozinha. — Sirva-se de mais uma tigela, se quiser. Vou tratar do seu quarto.

Apressada, acelerou o passo ao chegar às escadas. Tinha de mudar os lençóis da cama, as toalhas da casa de banho. Não lhe ocorrera oferecer-lhe outro quarto. Como era o único hóspede, tinha direito ao melhor que havia.

Trabalhara rápido e estava a colocar as almofadas nas fronhas com rebordos de renda quando ouviu um ruído na porta.

A primeira reacção foi de aflição, assim que o viu de pé junto à porta. Depois, resignação. Estava na sua casa, afinal de contas. Tinha o direito de usar qualquer divisão dela.

— Permitti-me gozar umas curtas férias, — começou ela e ajeitou a colcha.

Que estranho, pensou ele, que uma mulher a desempenhar a simples tarefa de entalar lençóis tivesse um aspecto tão avassaladoramente sensual. Devia estar mais cansado do que imaginava.

— Parece que a arranquei da cama ainda mais do que pensava. Não era preciso mudar-se por minha causa.

— É este quarto que vai pagar. Está quente. Já acendi a lareira e tem uma casa de banho só para si. Se quiser...

Interrompeu-se porque ele se aproximara atrás dela. Sentiu um arrepio na espinha que a deixou inerte, mas ele limitou-se a ir buscar o livro que estava na mesa de cabeceira.

Brianna pigarreou, recuando. — Adormeci a lê-lo, — começou, esbu-

galhando os olhos angustiados. — Não quis dizer que me deu sono. Só que... — Ele sorria, acenando. Não, era mais um esgar que lhe dirigia. Os cantos da boca dela esforçaram-se por responder. — Fiquei com pesadelos.

— Obrigado.

Ela voltou a descontraír, automaticamente abrindo os lençóis e a colcha em jeito de boas-vindas. — Você a chegar no meio da tempestade fez-me pensar no pior. Quase jurava que o assassino tinha saltado do livro, com a faca ensanguentada na mão.

— E quem é ele?

Ela franziu o sobrolho. — Não sei dizer, mas tenho as minhas suspeitas. Você tem uma maneira inteligente de dar a volta às emoções, Sr. Thane.

— Gray, — disse ele, entregando-lhe o livro. — Afinal de contas, de uma forma algo rebuscada, partilhamos a mesma cama. — Pegou na mão dela antes que ela pudesse pensar numa resposta, deixando-a depois inquieta ao levá-la aos lábios. — Obrigado pela sopa.

— De nada. Durma bem.

Não duvidava que dormiria. Brianna mal acabara de sair e de fechar a porta já ele se despia e se atirava nu para dentro da cama. Sentiu um perfume subtil a lilases no ar, lilases e um aroma a prados de Verão que reconheceu como sendo do cabelo de Brianna.

Adormeceu com um sorriso estampado no rosto.